

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PRISCILLA RODRIGUES DE VASCONCELOS

**IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM PESSOAS
IDOSAS**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

PRISCILLA RODRIGUES DE VASCONCELOS

**IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM PESSOAS
IDOSAS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

PRISCILLA RODRIGUES DE VASCONCELOS

**IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM PESSOAS
IDOSAS**

Este exemplar corresponde à redação final
aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso
de PRISCILLA RODRIGUES DE
VASCONCELOS.

Orientador: Profa. Me. Larissa Maria Linard
Ramalho

Data da Apresentação: 09/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

Membro: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Prof. Me. Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM PESSOAS IDOSAS

Priscilla Rodrigues de Vasconcelos
Larissa Maria Linard Ramalho.

RESUMO

O estado pandêmico mundial, causado pela COVID-19, transformou o modo e a manutenção das relações entre as pessoas. O medo, o desamparo e a precariedade social se apresentou nociva para garantir qualquer bem-estar para as pessoas durante a pandemia. Isto se agrava quando se olha para as condições psicossociais dos idosos, grupo em uma faixa etária que requer cuidados maiores e um melhor acompanhamento sobre a forma de condução e manutenção dos seus laços sociais. O problema surge quando se tem um estado pandêmico que impede que os idosos mantenham seus laços sociais e exigem, mesmo que para a segurança desses, o isolamento social e a ruptura de suas rotinas. Diante disto, o presente trabalho visa analisar os impactos psicossociais gerados aos idosos durante a pandemia da covid-19. Este artigo se projeta em realizar tal análise a partir de uma pesquisa bibliográfica em periódicos acadêmicos (ScieLO, Google Acadêmico). Observou-se, portanto, que a mudança brusca na vivência e nos laços sociais dos idosos causou um aumento significativo na saúde psíquica dos mesmos, muito pela incapacidade dos entes e dos grupos de saúde pública em dar maior sustentação para esses idosos durante o estado de pandemia.

Palavras-chave: Idosos. Pandemia. Saúde Mental. Sofrimento Psíquico. Laço Social.

ABSTRACT

The worldwide pandemic state, caused by COVID-19, has transformed the way and the maintenance of relationships between people. Fear, helplessness and social precariousness were harmful to guarantee any well-being for people during the pandemic. This is aggravated when looking at the psychosocial conditions of the elderly, a group in an age that requires greater care and better monitoring of how to conduct and maintain their social ties. The problem arises when there is a pandemic state that prevents the elderly from maintaining their social ties and demands, even for their safety, social isolation and the disruption of their routines. In view of this, this study aims to analyze the psychosocial impacts generated on the elderly during the covid-19 pandemic. This article aims to carry out such an analysis based on an exhaustive bibliographic verification in academic journals, such as: ScieLO, Google Academic. It was observed, therefore, that the sudden change in the experience and social ties of the elderly caused a significant increase in their mental health, largely due to the inability of entities and public health groups to provide greater support for these elderly people during the state of pandemic.

Keywords: Seniors. Pandemic. Mental Health. Psychic Suffering. Social Ties.

1 INTRODUÇÃO

O mundo vive desde o final de dezembro de 2019, uma pandemia do novo coronavírus designado como Síndrome Respiratória Aguda Grave provocando uma infecção aguda, que atinge principalmente os pulmões. A notificação do primeiro caso foi em Wuhan, na China, e declarada a Pandemia Mundial em março de 2020. No Brasil, até 18 de novembro de 2021 foram notificados 21.989.962 casos e 612.144 óbitos (OLIVEIRA, 2021)

Nesse sentido, essa enfermidade viral não especifica faixa etária, contudo indivíduos com doenças crônicas podem progredir para casos mais severos, podendo levar a óbito. Portanto, os idosos estão no centro desse debate da pandemia da COVID-19 por serem de uma faixa etária que requer atenção especializada, visto que, são mais susceptíveis a doenças como diabetes, pressão alta e cardiovasculares. Nesse panorama, o envelhecimento provoca muitas alterações fisiológicas acarretando doenças crônicas, ou comorbidades, que pioram com a contaminação do coronavírus, sendo o isolamento uma estratégia para evitar o alastramento da contaminação (BAKER; CLARK, 2020).

A mudança de rotina pela pandemia na vida de todos, principalmente da pessoa idosa, gera variações no humor, nas habilidades físicas, no processo cognitivo e tudo isto devido em parte, ao isolamento, influenciando de forma direta a qualidade de vida dessa faixa etária. Desse modo, a alteração no cotidiano dos idosos tem proporcionado um impacto psicossocial, tanto para eles, quanto para suas famílias.

Observando os riscos que a pessoa idosa enfrenta com a COVID-19 e, também, sua insuficiência funcional devido ao próprio envelhecimento natural, é projetado um aumento na demanda de cuidados. Estima-se que em torno de 3 milhões de idosos no Brasil tem comprometimento em executar as atividades básicas do dia a dia e com isso precisam de cuidado informal. Esse cuidado pode ser oferecido por um familiar, como também por um profissional ou cuidador.

Dessa feita, a pessoa idosa que antes morava sozinha ou mesmo tinha total liberdade em ir e vir, depara-se com medidas restritivas, tendo assim a necessidade de ser assistido por outra pessoa, um cuidador, ou ainda contando com a ajuda de familiares ou vizinhos, mas sem ter acesso ao contato social direto. Neste sentido, questiona-se: Quais os possíveis impactos psicossociais gerados aos idosos durante a pandemia da covid-19?

Diante do exposto, o presente artigo se designa em analisar os impactos psicossociais gerados aos idosos durante a pandemia da covid-19. Para isto, tem-se a necessidade de

compreender as especificidades orientadas em: a) estabelecer a importância do laço social na vida dos idosos; b) compreender qual influência da pandemia na fragilização do laço social; c) estabelecer as principais alterações negativas e/ou positivas na saúde mental dos idosos gerados na pandemia devido as restrições sanitárias.

Assim, justifica-se o desenvolvimento desse estudo, haja vista os problemas não somente de cunho patológico na fisiologia normal do indivíduo, bem como os impactos psicológicos e relacionais. O coronavírus gerou problemas psicossociais oriundos das medidas de restrição, ocasionando privações de convívio diário no trabalho, na rotina de casa e amigos, assim, os idosos que em sua maioria viviam em suas residências, ou tinham um lugar onde residiam há anos, foram mais afetados com os protocolos de distanciamento.

Essa população já tem o seu convívio social naturalmente restrito devido ao próprio envelhecimento, mudanças na saúde física, mortes de entes queridos e amigos, trazendo um enfraquecimento na sua rede de relações. Muitos buscavam preencher essas lacunas de convivência mantendo contato com seus pares em eventos religiosos, contatos através de oficinas ofertadas pela rede de assistência social dos órgãos públicos como CRAS, ou em um contato mais próximo com as novas gerações da família, cuidado dos netos, por exemplo.

Contudo, devido ao distanciamento social, estratégia tomada mundialmente na busca da não propagação em massa do vírus da COVID-19, e tendo em vista os dados de saúde já preocupantes em relação aos longevos mesmo antes dessa infecção viral, esse método foi bem mais abrangente e severo para esta população, tendo inicialmente um fechamento total, descartando assim qualquer tipo de contato social.

Entender o impacto gerado a essa faixa etária, os pontos negativos e positivos, se faz crucial para o momento histórico atual, e para percepções futuras que possam impactar em políticas públicas voltadas a esse público. Tal motivação proporcionará uma prospecção, a partir de um arcabouço acadêmico, para profissionais da psicologia, como também de outras frentes, que buscam uma visão biopsicossocial daqueles que se encontram na fase adulta tardia, compreenderem os impactos e os meios que podem ser atribuídos para mitiga-los.

A realização no que tange uma justificativa pessoal é compreender como idosos com vivências, cotidianos e famílias diferentes foram/são afetados com as medidas restritivas de isolamento social, bem como avaliar o momento em que a liberdade foi retirada ou reduzida devido a esta estratégia de saúde, principalmente para esse público, que como relatado anteriormente, teve restrições mais “severas e duras” por conta do risco elevado.

Outra questão é a perda dos vínculos sociais, visto que já são escassos nessa fase da vida, como ir à igreja, fazer parte de grupos de orações ou outra atividade com seus pares,

visitar os filhos e netos, ou recebê-los em casa, fazer uma viagem para visitar parentes mais distantes, ir ao mercado de costume e encontrar os vizinhos, e agora tendo restrições em todas essas esferas.

Observando outra vertente, vinculando a justificativa acadêmica e científica, haja vista que é um tema vigente na nossa realidade, é de interesse estabelecer um amplo encontro de contribuições dos mais diversos entendimentos sobre o tema, numa amplitude de expor dados científicos e proporcionar respostas a estudantes e profissionais da área, onde o florescer dos cuidados com a pessoa idosa está em alta, tendo em vista as expectativas do aumento populacional previsto para essa faixa etária nos próximos anos.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é o meio mais usual para alcançar os mecanismos que influenciam os problemas e, assim, encontrar meios para interpretá-los. Isto a partir da obtenção de dados, suas análises, até a apresentação de uma compreensão assertiva da questão foco e, se possível, uma solução (JUG, 2003; ANDRADE, 2020).

Assim, a pesquisa pode ser e deve ser classificada em diversas categorias (quando a natureza, quanto o problema, quanto os objetivos, quanto os procedimentos). Tudo isto para auxiliar no processo de construção de resolução do objetivo proposto, sem desrespeitar os ditames impostos pela estruturação científica (ANDRADE, 2020). Desse modo, o presente artigo utilizou dessas ferramentas metodológicas para compreender o que se propôs como objetivo.

Quanto a natureza, duas categorias podem ser observadas como procedimentos: básica e aplicada. Para este trabalho, a natureza da pesquisa é a básica, já que se tem o interesse de produzir conhecimento sobre determinado fenômeno que incide sobre um grupo específico, a saber: a geração do conhecimento sobre os impactos da pandemia na vida e cotidiano de idosos (MARCONDES et al., 2017).

Quanto a categoria que define o problema de uma pesquisa, aqui se apresenta uma classificação qualitativa. Tem-se esta classificação ao se compreender que o objetivo primordial é explicar o fenômeno de forma a trazer compreensões e perspectivas distintas das apresentadas até o momento (ESTRELA, 2018; MARCONDES et al., 2017). Neste sentido, o presente projeto visa estabelecer uma compreensão sobre a relação entre a pandemia e a vivência de idosos.

Direcionando-se para identificar os objetivos da pesquisa aqui realizada, tem-se a classificação descritiva. Esta classificação se apresenta adequada já que o trabalho se mostra como um processo de identificação, registro e análise de um fenômeno específico, sem necessariamente, entrar no mérito do conteúdo (ESTRELA, 2018).

Por fim, dentro dos diversos procedimentos de coleta de dados utilizados para realizações de pesquisas, o presente trabalho apresenta o bibliográfico, que se traduz como um procedimento de aquisição de informações através de livros, sites, artigos ou qualquer outra fonte confiável, já que é a partir da compreensão assertiva das contribuições científicas sobre o tema que será possível estabelecer o arcabouço necessário para cumprir com a resposta esperada para o objetivo apresentado.

Além disso, a população da pesquisa corresponderá a idosos e o modo de instrumentalização e coleta de dados será utilizado como instrumento pesquisas em periódicos como SciELO, Google Acadêmico, Pepsic, além de sites como CRP e Ministério da Saúde. O intuito da construção metodológica é abranger um número expressivo de artigos e livros sobre o tema. Para isto, palavras-chave, como “Pandemia/saúde do idoso” e “idosos/problemas psicossociais na pandemia” se apresentam para nortear a instrumentalização e adequação dos artigos pesquisados.

3 OS ASPECTOS SOCIAIS E PSÍQUICOS PARA OS IDOSOS NA PANDEMIA

3.1 OS LAÇOS SOCIAIS E A VELHICE

No mundo, como no Brasil, a população idosa vem aumentando rapidamente. As explicações para tal fato decorrem da redução de natalidade e da melhoria dos índices de saúde para essa população. O idoso tem sido mais valorizado socialmente. Essas transformações são asseguradas por meio dos direitos conquistados pelos idosos no período de anos, conjuntamente com a evolução médica que possibilitou um melhoramento em cuidados clínicos e na melhoria da qualidade de vida (CARRIEDO et al., 2021).

O país tem mais de 28 milhões de habitantes com mais de 60 anos, é um número significativo, representando 13% da população do Brasil. O percentual pode dobrar nas próximas duas décadas, de acordo com a Projeção da População, que foi divulgada no ano de 2018 por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (IBGE, 2018).

É visto que o envelhecimento é fator de contribuição para propagar ou mesmo agravar condições na saúde psíquica, e tendo destaque os transtornos mentais, como transtorno

bipolar, delirante, ansiedade e depressão, destacando os dois últimos com maior incidência nos idosos (SARAIVA; SIMÕES; FIRMINO, 2016; OMS, 2020, CPEDS/ FIOCRUZ, 2020).

Estas condições trazem a necessidade de compreender as atribuições do que é “ser idoso” e todos os enlaces que se relacionam com esta etapa da vida, indo desde as condições físicas, até os laços de convivência que se traduzem no modo de vida e nas relações com o ambiente que uma pessoa na terceira idade tende a vivenciar (ANDRADE, 2020).

Em primeiro momento, portanto, deve-se entender que a condição de uma pessoa ser caracterizada idosa segue alguns aspectos físicos (biológicos) e legais. O envelhecimento é apenas mais uma etapa do ciclo de vida de qualquer pessoa, assim, uma condição natural. De acordo com a Organização Mundial da Saúde – ONU (2014), é considerado idoso a pessoa que tem idade superior aos 65 anos em países considerados desenvolvidos e 60 para países em desenvolvimento.

Assim, como um processo natural condicionado ao ciclo de vida, o envelhecimento pode ser definido como um “processo que integra uma série de fenômenos que se sucedem numa determinada ordem e durante um certo período de tempo - o ciclo de vida”. (CARVALHO, 2013, p.5). Este ciclo é considerado gradual e contínuo, com respostas físicas diferentes para cada pessoa, umas podem envelhecer com a manutenção de suas capacidades, já outras podem demandar maiores cuidados, já que vão desenvolver incapacidades devido a doenças que não lhe possibilitarão independência.

O processo de envelhecer apresenta-se desde o nascimento e, ao longo dos anos vai possibilitando mudanças não somente nas características físicas limitantes, mas, mudanças no estado psicológico e social (ANDRADE, 2020). Ao se observar as mudanças biológicas podem ser destacadas a redução de visão e audição, perda de movimentação, mudanças na pele, com novas características físicas, embranquecimento do cabelo, diminuição do ritmo de sono, maiores acometimentos de distúrbios digestivos, mudanças no nível de desempenho sexual (BALDIN; MAGNABOSCO-MARTINS, 2017).

Já para as mudanças psicológicas, podem ser observadas a redução de memória, problemas para integração em novas situações ou mudanças bruscas, menor velocidade para processar informações, bloqueio no processo de organização, recepção e aplicação de informações (JARDIM; MEDEIROS; BRITO, 2019); e, por fim, as mudanças a nível social que se processa nos comportamentos e relações entre indivíduos idosos e a sociedade de menor idade, salientando que nesta sociedade jovem compreendem-se familiares, amigos ou quaisquer outros atores sociais que participam do cotidiano destes idosos.

Essas compreensões físicas, psicológicas e sociais são o aporte para entender como a velhice tem impactos para a vida do idoso. Esses impactos estão relacionados com a forma como a vida é reestruturada para esses indivíduos. A aposentadoria, que restringe o convívio com amigos de trabalho, mudanças de rotina e da aparência fomentam a criação de estereótipos sociais que influenciam no desempenho social nesta etapa da vida (MENEZES et al, 2020)

Além disso, mudanças com relação a comunidade também se tornam aparentes. Os idosos costumam perder poder decisório junto com seus familiares, e a influência em suas localidades de interação (igrejas, clubes, pontos de lazer) também decaem. Assim, mesmo com a compreensão de que o envelhecimento é um fator comum a todos, torna-se uma experiência preocupante para a maioria das pessoas (JARDIM; MEDEIROS; BRITO, 2019)

Assim, tornou-se comum a procura por meios de trazer o processo de envelhecimento para um patamar menos danoso à mente e ao corpo do idoso. Cada ser humano envelhece de forma única, por isso é necessário adaptar não o idoso para a comunidade, mas o próprio meio para se adequar a realidade do idoso e, assim, assegurar o bem-estar e qualidade de vida desses sujeitos (BALDIN; MAGNABOSCO-MARTINS, 2017).

Porém, garantir essa interação e laços com a sociedade não é uma tarefa fácil. Para Colussi et al. (2019), muitas vezes nem mesmo o próprio idoso consegue lidar com as mudanças intensas que o acompanham. Os problemas de saúde, a viuvez, a dependência física, mental e, às vezes, financeira. Outra questão é a apresentação, quase que natural (mas não indicada) do isolamento social deste idoso. A falta de contato com comunidades sociais passa para o indivíduo uma descontinuidade da sua importância para com a sociedade e isto aumenta a necessidade de suprimento por suporte maior dos laços afetivos (JARDIM; MEDEIROS; BRITO, 2019).

3.2 A PANDEMIA E A FRAGILIDADE DO LAÇO SOCIAL

Um dos impactos mais perceptíveis na vida e cotidiano dos idosos durante a pandemia, segundo o que disserta Oliveira et al. (2021), foi com relação ao convívio e as relações direcionadas ao modo de vida de todas as pessoas. O trabalho, o lazer, os encontros sociais passaram a ser restritos e as pessoas precisaram passar um tempo maior dentro de suas residências.

Para a comunidade idosa essas restrições foram ainda mais severas, com a fragilidade ao contágio e adoecimento para esta faixa etária social, as famílias passaram a isolar seus

parentes mais velhos e os afastaram, inclusive, das relações parentais com crianças, adolescentes e adultos (OLIVEIRA, et al., 2021).

Além dessa problemática, as atividades físicas, nutricionais e laborais dos idosos também foram prejudicadas. Para Câmara dos deputados (2021), o risco de morte para idosos durante a pandemia aumentou em 14%. O autor ainda sustenta que 29% dos idosos correm maior risco de desenvolver doenças cardiovasculares e 32% a mais de acidentes vasculares.

Já para Santos, Brandão e Araújo (2020), o isolamento total dos idosos do seu lugar social e das suas atividades do dia a dia durante a pandemia, foram capazes de potencializar o isolamento, a solidão e a probabilidade de aumento de depressão nas pessoas dessa faixa etária. O mesmo autor sustenta, que o isolamento dessas pessoas pode ser um fator ou um desencadeador de quadros depressivos.

O isolamento social durante o período pandêmico, portanto, embora se sustente como necessário para a garantia da subsistência de idosos, foi capaz de fragilizar ainda mais a qualidade de vida das pessoas dessa faixa etária. Além disso, como agravante, os casos de maus tratos e negligência parental aumentaram durante o período de quarentena (SANTOS; BRANDÃO; ARAUJO, 2020).

Segundo a Câmara dos Deputados (2021), em dados divulgados na conferência nacional de violência contra idosos, foram relatados durante a pandemia mais de 37 mil casos de violência contra pessoas da terceira idade, 29 mil foram configuradas como violência física e a maior parte das vítimas estavam na faixa etária de 70 a 74 anos.

Ainda segundo a Câmara dos Deputados (2021), a grande maioria (68%) das vítimas de violência são do sexo feminino, e 47% dos agressores são filhos. E as violências constatadas como as mais comuns estão maus tratos, expor o idoso a risco à saúde e ao constrangimento.

Esses dados são corroborados por Santos, Brandão e Araújo (2020), que sustenta que o aumento dessa violência está ligado a própria desigualdade social, que se apresenta como quadro promotor da fragilidade dos lares desses idosos. Segundo Oliveira et al. (2021), muitos desses idosos, durante o isolamento social, mesmo com a necessidade de isolamento total, passaram a dividir os espaços com seus filhos e netos, o que aumentou a probabilidade de conflitos.

Além disso, para o idoso, o estado pandêmico foi capaz de desencadear situações assustadoras e que reestruturaram toda a rotina, com perdas reais ou a sensação de perda da segurança, fatores com capacidade nociva para a saúde mental e potencial quebra do convívio social. Todo esse processo afeta a capacidade de raciocínio, o sono, a alimentação e

compromete o idoso na sua forma de expressar e desenvolver controle sobre seus medos e inseguranças.

3.3 REPERCUSSÃO DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DOS IDOSOS

Com as imposições sobre a manutenção da rotina, promover a subsistência dos idosos tornou-se uma questão mais real sobre a dinâmica familiar e os laços sociais envolvidos. Diante da crise pandêmica, a culpa, o medo da morte, a tristeza, a raiva, a vergonha são sentimentos que transformaram todo o modo relacional entre o idoso e seus familiares.

Essa dicotomia entre a necessidade de proteção e manutenção do isolamento, e a necessidade de aplacar o sofrimento do idoso diante de tantas restrições, pode ser caracterizada como os primeiros sintomas problemáticos causados pela pandemia. Para Costa (2020), existe a obrigação afetiva e legal dos entes em trazer segurança para os idosos, e isto envolve trazer a sensação de normalidade. A problemática, porém, transcreve-se na incapacidade, por desconhecimento ou falta de estrutura, do familiar em manter o idoso em um ambiente seguro e com possibilidade de continuidade dos seus vínculos afetivos.

Ainda de acordo com Costa (2020), todas essas questões relacionadas a pandemia, como o isolamento e o distanciamento social, são nocivos para a manutenção dos estímulos que auxiliam os idosos na continuidade de seus afazeres rotineiros, isto por cauda da mudança repentina na vida dessas pessoas. Para o autor em questão, podem ser verificados alguns impactos mais claros com relação a estas questões:

- Medo de adoecer e morrer – Neste aspecto, segundo o autor, o idoso se apresenta, em conjunto com a sociedade, diante de uma problemática nova, perigosa e que se estabelece de forma rápida. Para Freud (2010), este medo de morrer se associa a necessidade de lidar com a pulsão de morte, e estas necessidades são amenizadas quando nos relacionamos com o mundo e os outros;
- Não procura por serviços de saúde – Aqui, os idosos tendem, por medo ou por impedimento de familiares, a não procurar ajuda de um profissional de saúde para atividades rotineiras. Segundo Neves (2020), houve uma redução de 90% nos exames de rotina no Brasil durante a pandemia.

Nessa conjectura, entende-se que não somente os idosos estão expostos aos problemas psicossociais, mas todos os sujeitos são impactados pelos problemas advindos da COVID-19.

Porém, são os idosos que apresentam maior vulnerabilidade com relação aos afetamentos da pandemia, seja para sua saúde física, seja para seu estado psicológico e sua saúde mental.

4 O DESAMPARO, O CONFLITO E A PERSPECTIVA DA MORTE PARA OS IDOSOS

Ante os primeiros meses da Grande Primeira Guerra Mundial, Freud (1915/2010), traz a reflexão sobre os acontecimentos da ruptura social diante da desilusão causada pela guerra e os seus problemas e consequências. Freud estabelece esse contexto como um vislumbre da possibilidade de não haver (ou antever) um futuro.

Somado a este pensamento, Freud (1915/2010) ainda promove a construção do pensamento complexo diante da morte, pelo qual discursa que a atitude humana na iminência ou na possibilidade da morte é distante e indireta. O autor contribui para o pensamento de que a morte é o um resultado natural e necessário para a vida, mas na realidade do cotidiano social, a morte surge como algo secundário, como se estivesse eliminada da vida. “[...] no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade” (FREUD, 1915, p. 327).

O autor ainda relata que existe, embora não claro para o consciente, a necessidade de acreditar na morte diante de grandes eventos, como as guerras “As pessoas realmente morrem, e não mais uma a uma, porém muitas [...] num único dia” (FREUD, 1915, p. 329). É exatamente diante de uma problemática traumática, como as guerras, que a pandemia sustenta a necessidade da representação da morte, potencializada para pessoas idosas que já compreendem diante de si a possibilidade inerente de tal fato.

É sobre esta compreensão que se entende os motivos de não aceitar os riscos alocados pela pandemia. Este processo é maior para os idosos, já que tais sujeitos são apresentados de forma mais clara para um novo perigo contra a saúde e a vida. Além disso, tal risco iminente, difuso e complexo põem um novo modo de vida, sem o alento necessário. Estes sujeitos, por vezes alocados à margem social, por serem considerados não produtivos, perdem sua essência e toda sua capacidade de estabelecer contato com a sociedade.

Segundo Costa (2020), o idoso não está diante apenas do sofrimento causado pelo isolamento, existem o desalento que também afeta seus sentimentos e emoções. Os problemas e o sofrimento prévio, aquele que o acompanha em sua história, as relações sociais e os seus laços familiares e de cotidiano, as condições financeiras, os significantes pelo qual o sujeito

coloca o seu desejo, a sua saúde financeira, toda uma rede complexa de construção subjetiva que atravessa esse sofrimento de forma única.

Somado a isto, existe a compreensão do sofrimento social, compartilhado entre pessoas que mesmo isoladas, sustentam-se na forma de como olhamos para o todo. Nisto, também se inclui o idoso, e como a pandemia desamparou e eclodiu o conflito no sujeito e na sociedade. Para Neves (2020), este sofrimento é elevado no contexto social atual, quando o homem é visto como uma máquina de objetivos e produtividade. Aqui, neste processo, não se apresenta a pessoa idosa.

Dessa forma, a compreensão que se tem é de que a seguridade da vida do idoso (pelo idoso e pela própria sociedade) é uma questão de percepção obrigatória. Isto se reflete na perpetuação do sofrimento e da falta de meios para saná-lo. Agrava-se na pandemia, mas não deixa de ter acometido anteriormente essa população, que no processo de normalidade da vida dos sujeitos dessa faixa etária já se fazia presente.

4 O SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL: O ESTADO, A FAMÍLIA E O IDOSO

Para Freud (1915/2010), existe uma responsabilização do pensar social para garantir que as pessoas não permitam o sofrimento e a adoecimento. Por isso, renunciar prazeres é uma necessidade para garantir o convívio e as relações interpessoais. Além disso, Freud (1915/2017), esclarece que somos pautados por fragilidades e estas são observadas em três grandes fontes: a força da natureza, o sofrimento das relações humanas e o enfraquecimento do corpo (sua velhice).

Para além disso, porém, Freud (1915/2017), explica que o ser não vai deixar de procurar a felicidade para si, mesmo diante das grandes fragilidades humanas. Para o autor, quando o homem se apresenta diante de angústias e desprazeres causados por uma dessas fontes, não se sustenta a forma de renunciar a continuidade da busca pela felicidade, faz parte da natureza humana ressignificar. Mesmo diante dos impactos sociais advindos da pandemia, que são complexos e causam sofrimento imensuráveis a curto e longo prazo, o processo de ressignificação é real.

Para o idoso, o diante da impossibilidade de convívio e continuidade da vida traz à tona dores, medos e inseguranças que não podem ser anexadas apenas à pandemia. Estes medos e impactos psicossociais envolvem a família, os amigos e o próprio Estado. Embora seja claro sua responsabilidade no resguardo social dos idosos, não se sustenta visivelmente o acesso universal destes direitos. Existe uma realidade de impacto advindo da desigualdade

social que configura o desamparo do Estado ao idoso e isto é uma realidade anterior à pandemia. Goza de direitos tais quais a Lei 10.7141 de 2003, comumente chamada de Estatuto do idoso, que diz:

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2004, p. 01).

Como se percebe, os direitos fundamentais do idoso envolvem o resguardo a saúde física e mental, para garantir a preservação da moral, do intelecto, da vinculação social com a família e a sua comunidade. O que se percebe, é que diante da desigualdade social advinda de questões econômicas, sociais e culturais, somado a configuração social e estatal, de ditar o idoso como ser não produtivo, tem-se o abandono e o desamparo, bem como o abuso financeiro, físico e emocional desses sujeitos muitas vezes através da própria família.

Este contrato social “quebrado” pelo Estado e agravado pela desigualdade torna o idoso um ser desacreditado na proteção do próprio Estado, o que agrava ainda mais a sua percepção de perigo real diante de si. Isto aumenta, como já ditado por Frosh (2018), o sofrimento psicossocial do idoso, já que este não compreende as mudanças advindas da necessidade de enfrentamento da COVID-19 e acredita-se de uma maior aversão social do Estado para si.

Somado a isto, a família, partícipe do processo de necessidade de ressignificação do idoso, diante das incongruências da pandemia, o assalto pela realidade, promove-se como uma composição necessária para garantir passagem pelo desafio dessa população diante das novidades nocivas causadas pela pandemia. O isolamento, por exemplo, é um desses processos que causam sofrimento e que sustentam a importância familiar para o membro que se encontra dentro dessa faixa etária.

Diante do isolamento, o idoso não perde apenas a sua possibilidade de vivência, a perda vai além das ações cotidianas. Para o idoso, nos dizeres de Neves (2020), em seu estágio de vida, tudo é perda, o tempo é urgente, as condições físicas e mentais não são as mesmas. Desse modo, perder o laço social e familiar não é algo natural para o idoso, e este tende a nega-lo. Segundo Machado (2020), alguns idosos temem tanto as perdas e os acontecimentos da pandemia que a única possibilidade é a negação da mesma.

O fato de se afastarem de seus familiares, ou a compreensão da possibilidade do agravamento das relações familiares colocam estes idosos diante de um sofrimento dificilmente mensurável, com a relação direta a com a possibilidade da perda. Sobre este assunto, portanto, sustenta-se as contribuições advindas dos profissionais da psicologia bem como suas observações acadêmicas.

A intervenção da psicologia pode ser observada a partir das contribuições realizadas por Trindade e Serpa (2013), que promovem a junção das ações da psicologia das emergências e desastres à realidade pandêmica. Para os autores, o papel da psicologia é intervir de forma a elaborar estratégias e planos que possam estabelecer a autonomia e cidadania do paciente (idoso) frente aos diversos problemas já citados causados pela COVID-19.

Entende-se que para os profissionais o desafio se apresenta em executar tal planejamento. Segundo o que Sustenta Pimentel et al. (2020), uma das estratégias direcionadas para a realização do plano, bem como sua execução, é o uso do atendimento psicológico *online*, regular a partir da resolução nº 04/2020 demandado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que dispôs o exercício profissional remoto mais ativamente durante a pandemia.

Esta compreensão e resolução se sustentou na perspectiva de que os profissionais de saúde mental são entes necessários para a garantia da sustentabilidade da vida e do bem-estar durante o processo pandêmico, principalmente para grupos vulneráveis como os idosos. Dessa feita, o apoio psicológico é um serviço essencial, e garanti-lo é uma necessidade social primária e urgente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se fundou na perspectiva de analisar os impactos psicossociais gerados aos idosos durante a pandemia da covid-19. Para isto, o presente artigo se sustentou em avaliar bibliograficamente, as relações entre os laços sociais do idoso, a sua compreensão sobre a pandemia e os impactos pandêmicos para a saúde mental e cotidiana da pessoa idosa.

Após extensa pesquisa, observou-se a existência de um número expressivo de violência contra os idosos, além de uma maior percepção de abandono sobre essa classe social. Somado a isto, a pesquisa também constatou a existência de um impacto maior da pandemia no cotidiano das pessoas idosa, como também uma piora de suas relações sociais e

familiares. Todas essas alegações causaram uma maior negação, por parte do idoso, com relação a nocividade da pandemia.

Todas essas questões foram cruciais para compreender a negligência social para resguardar a vida e o bem-estar mental do idoso. Para o idoso, o estado e a família formulou-se como abandono. Ressalta-se que, no ponto de vista pragmático, embora haja a percepção sobre a necessidade dos cuidados e das restrições de isolamento para resguardar vidas, não houve ação mais contundente ou direta para efetiva a realização do isolamento social de forma a amenizar a quebra dos vínculos sociais advindos da mesma.

Das limitações, percebeu-se que não houve a inserção de caso clínico dentro do ambiente laboral do trabalho, isto se deu pela complexa atuação logística diante da necessidade do enfrentamento da COVID-19. Outro ponto, foi o difícil acesso a comunidade idosa, também devido aos impactos do isolamento social. Por fim, sugestiona-se, para trabalhos futuros, a verificação total do isolamento social para a vida e o cotidiano do idoso. Isto realizado de forma *in loco*, com a aplicação de ferramentas da psicologia para avaliar o estado clínico e social do idoso pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. M. **Metodologia de pesquisa**. 2020.

ANDRADE, F. L. J. P. O processo de envelhecimento populacional, apoio social e a institucionalização de idosos. **Revista Campo do Saber**, v. 5, n. 2, 2020.

ARGENTA, C; NUNES, D. P.; HAMMERSCHMIDT, K. S. A; NIWA, L. M. S; SOUZA, P. A; MELO, P. O. C. **Distanciamento social do idoso saudável durante a pandemia COVID-19: possibilidades e desafios**. Enfermagem gerontológica no cuidado ao idoso em tempos da COVID-19. Série enfermagem e pandemias. Associação Brasileira de Enfermagem. --Brasília, DF: ABen/DCEG, 2020. 74 p.: il., color.; (Série enfermagem e pandemias).

BALDIN, T.; MAGNABOSCO-MARTINS, C. R. Tecendo representações sociais sobre envelhecer em instituições de longa permanência para idosos. **Parrésia: Revista Discente de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 30-30, 2017.

BAKER, E.; CLARK, L. L. Biopsychopharmacological approach to assess impact of social distancing and isolation on mental health in older adults. **Br J Community Nurs**, v. 25, n. 5, p. 231-238, 2020.

BANERJEE, D.; RAI, M. *Social isolation in Covid-19: The impact of loneliness*. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 66, p. 525–527, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dados do coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em 22 de abril de 2021.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Pandemia de Covid agravou situação de violência contra idosos**. Agência Câmara de Notícias. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/pandemia-de-covid-agravou-situacao-de-violencia-contraidosos/>. Acesso em: 25 set. 2021.

CARRIEDO, A. et al. *COVID-19: Psychological Well-being and Physical Activity Levels in Older Adults During the Nationwide Lockdown in Spain*. **Am J Geriatr Psychiatry**, v. 28, n. 11, p.1146-1155, 2020.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM SAÚDE; Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações aos psicólogos para o atendimento online**. Brasília, 2020.

COLUSSI, E. L. et al. Percepções de idosos sobre envelhecimento e violência nas relações intrafamiliares. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22, 2019.

COSTA, F. B. A saúde mental em meio à pandemia COVID-19. **RevRaq**. v. 20, 2020.

ESTRELA, C. **Metodologia científica: ciência, ensino, pesquisa**. Artes Médicas, 2018.

CORONAVÍRUS BRASIL. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos Psicológicos**, Campinas, v. 37, p.200074, 2020.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. 1. ed.; 3. Reimp. Obras Incompletas de Sigmund Freud; v. 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. (1915) **Considerações atuais sobre a guerra e a morte**. Obras completas, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2018.

ISHIKAWA, R. Z. Posso nunca mais ver o oceano: perda e tristeza entre os adultos mais velhos durante a pandemia COVID-19. **Trauma psicológico: teoria, pesquisa, prática e política**, v. 12, n. 1, p. 85, 2020.

JARDIM, V. C. F. da S.; MEDEIROS, B. F.; BRITO, A. M. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 9, p. 25-34, 2019.

JUNG, C. F.; ENG, M. **Metodologia científica**. Ênfase em pesquisa tecnológica, v. 3, n. 41, p. 41, 2003.

MARCONDES, R. C. et al. **Metodologia para trabalhos práticos e aplicados**. São Paulo: Editora Mackenzil, 2017.

MENEZES, J. N. R. et al. A visão do idoso sobre o seu processo de envelhecimento. **Revista Contexto & Saúde**, v. 18, n. 35, p. 8-12, 2018.

NUNES, V. M. de A. et al. **COVID-19 e o cuidado de idosos: recomendações para instituições de longa permanência**. – Natal, RN: EDUFRN, 66p, 2020.

OLIVEIRA, V. V. et al. Impactos do isolamento social na saúde mental de idosos durante a pandemia pela Covid-19. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, v. 4, n. 1, p. 3718-3727, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **COVID-19: OMS divulga guia com cuidados para saúde mental durante pandemia**. In: *APA Offers Resources to Cope with COVID-19*. [S. l.], 2020.

PAULI, J.; GOERGEN, C.; GOLDONI, E. Intimidade negociada: a percepção dos cuidadores de idosos na perspectiva da economia. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 15, n. 39, p. 376-399, 2017.

PIMENTEL, A. S. G. et al. Diretrizes da Psicologia Brasileira para a Prevenção da Covid 19. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 102-117, 2020.

REIS, L. A.; SANTOS, K. T.; GOMES, N. P.; REIS, L. A. Determinantes da sobrecarga e desconforto emocional em cuidadores de idosos. **Revista Enfermagem Contemporânea**. v. 5, n.1, p. 59-67, 2016.

SANTOS, S. S; BRANDÃO, G. C. G.; ARAÚJO, K. M. F. A. Isolamento social: um olhar para a saúde mental de idosos durante a pandemia do COVID-19. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7, p. e392974244-e392974244, 2020.

TRINDADE, M. C.; SERPA, M. G. O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 279-297, 2013.

WU, B. *Social isolation and loneliness among older adults in the context of COVID-19: a global challenge*. **Global Health Research and Policy**, v. 5, n. 27, 2020

